

creta pela qual são expressos os acontecimentos fundamentais da vida espiritual.¹¹

Se temos de considerar o objeto dos fenômenos religiosos, Deus, não nos propomos, no entanto, discutir estas verdades sobre um plano metafísico. O que desejamos é estudar os textos com um mínimo de complacência buscando as implicações que aí estão contidas; igualmente no que se refere à relação entre o homem e Deus, sem pretender dar rapidamente uma explicação única e exaustiva.

Um problema no entanto se coloca: seria possível levar em conta, ainda que a título de hipótese, Deus, e em consequência uma eventual realidade transcendente, sem que isto signifique que a orientação da pesquisa já seja um juízo de valor implicitamente emitido sobre tal realidade? Se a relação entre o homem e um ser transcendente chamado Deus é intrínseca ao fato religioso, não se poderá nunca compreendê-la sem conhecer de antemão os dois termos, isto é, o sujeito e o objeto. Postular, a título de hipótese, a existência de um Deus transcendente como condição essencial para poder compreender o fato religioso significa recusar à psicologia sua autonomia como ciência e é esta a razão pela qual contestamos tal tomada de posição. Tal como a teologia, a psicologia é uma ciência autônoma e deve-se respeitar o objeto e métodos de cada ciência.¹²

O objeto da psicologia, como indica a etimologia da palavra, pode ser definido nestes termos: estudo da psique e seus conteúdos.¹³ A alma seria definida por sua vez como o conjunto de processos conscientes e inconscientes, do eu e do não-eu. O método psicológico é essencialmente descritivo; observa e descreve os fenômenos existentes sem se pronunciar sobre a essência última das coisas. Tende a analisar o que se desenrola na psique. Contrariamente, «a teologia é ciência da fé»;¹⁴ segundo Santo Tomás de Aquino, a ciência sagrada é um «discurso sobre Deus».¹⁵

¹¹ Berdiaeff. *Esprit et Liberté*, Paris, Ed. Je sers, 1935, p. 90.

¹² R.R.P.P. Léonard, Hostie, e outros consideram que existe um hiato entre a realidade da psique e as realidades espirituais, diante do qual os métodos psicológicos devem se submeter. Em outras palavras, em psicologia a última palavra está com o teólogo e com o metafísico! Maréchal J. observou que «é preciso procurar um critério fora da psicologia» in *Études sur la psychologie des mystiques*, Paris, Alcan, 1924, 2 vol. vol. 1 p. 60.

¹³ Kulpe define a psicologia como «a ciência da alma». E entende «Por alma (...) se se coloca fora de consideração toda metafísica da alma, (...) substrato desconhecido dos fatos psíquicos, dos fenômenos subjetivos». Kulpe, Oswald. *Vorlesungen über Psychologie*, publicado por K. Buhler, Leipzig, 1922, 12 p., citado por Strasser, *Le problème de l'âme*. Paris, Ed. Desclée de Brouwer, 1953, 257 p. (p. 10).

¹⁴ Pohier, J.M. *Psychologie et Théologie*. Paris, Ed. du Cerf, 1967, 387 p. in Prefácio, p. 10.

¹⁵ Eis como Santo Tomás de Aquino formula o objeto da teologia: «No entanto, deve-se considerar como objeto de uma ciência aquilo a

Conclui-se assim claramente que o objeto formal da psicologia é radicalmente diferente do objeto da teologia — embora o objeto material possa ser idêntico. O teólogo não deve pois preocupar-se com ver o psicólogo abordar um assunto que no início do século lhe era estritamente reservado.

Isto posto, conclui-se que Deus forma uma realidade que age na vida de Teresa e de que não podemos fazer abstração. O que pode pois fazer o psicólogo? Pode permanecer nos limites de sua ciência, aceitando o postulado kantiano da teoria do conhecimento, que considera que existe uma diferença entre a coisa em si (*das Ding an sich*) e a idéia ou a imagem que dela fazemos. Mas toda imagem é também uma realidade psicológica, já que é um conteúdo da psique e por consequência permanecemos nos limites de nossa ciência estudando-a. Ora, do mesmo modo que distinguimos entre a imagem dos pais, força determinante no comportamento dos homens, e os pais de carne e osso (*das Ding an sich*), devemos também distinguir entre a imagem de Deus e suas manifestações na psique e Deus em si, realidade transcendente, objeto de estudo da teologia.

Atribuimos esta distinção ao nível da conceitualização a Kant. Freud, por sua vez, a supõe implicitamente, quando se refere à imagem dos pais. Mas, no domínio de que nos ocupamos, encontramos-a já admiravelmente expressa em Mestre Eckhart quando distingue entre *Gottheit* e *Gott*, isto é, entre a divindade e Deus. Também a encontramos em Teresa quando ela se refere à imagem de Deus e Deus incognoscível sobre a terra.¹⁶ Em nossos dias, Carl G. Jung mostrou com grande insistência a diferença que existe entre o objeto e sua imagem. Paralelamente ao caráter absoluto da experiência da «Imago Dei», o homem tem uma tendência invencível a confundir a imagem com a realidade, a divindade no homem e o Deus transcendente.¹⁷ Embora a imagem não tenha consistência tangível e não seja apreensível pelos sentidos externos, nem por isso deixa de ser real e possuir uma força agente na vida da alma.

Assim, do mesmo modo que o psicólogo considera ser um comportamento o fato de que um indivíduo se declare, por exemplo, inteligente e que julgue poder colocar este comportamento em relação a outros, da mesma forma deveria admitir como um com-

que ela se aplica, o discurso no interior desta ciência; ora, na ciência sagrada discorre-se sobre Deus, ela é também chamada teologia, isto é, discurso sobre Deus (...). Prima Pars, Quaestio um, art. 7 s.c. *Summa Theologica*.

¹⁶ Estabeleceremos daqui por diante esta distinção baseando-nos nos textos de S. Teresa, sobretudo no cap. «Visões, palavras e sonhos».

¹⁷ Cf. Dr. Jacobi, Jolande. *Aspects psychologiques de l'homme religieux in Troubles et Lumière, Études Carmélitaines*, Paris, Ed. Desclée de Brouwer, 1949, 219 p. (p. 115-136).